

LILIA MORITZ SCHWARCZ

UMA AMIZADE
(IM)POSSÍVEL

AS AVENTURAS DE PEDRO E
AUKÊ NO BRASIL COLONIAL

ilustrações de
SPACCA



Copyright do texto © 2014 by Lilia Moritz Schwarcz
Copyright das ilustrações © 2014 by Spacca

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Spacca

Preparação
Flavia Lago

Revisão
Adriana Moreira Pedro
Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schwarcz, Lilia Moritz
Uma amizade (im)possível : as aventuras de Pedro e
Aukê no Brasil colonial / Lilia Moritz Schwarcz ; ilustrações
de Spacca. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letrinhas, 2014.

ISBN 978-85-7406-650-1

I. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Spacca.
II. Título.

14-02261

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



A CHEGADA

Sentado num banco improvisado no convés de um navio, Pedro, o filho de dom Felipe de Almeida Brandão, um nobre ibérico que acaba de ganhar uma **sesmaria** na **colônia portuguesa na América**, escreve seu diário, cheio de rabiscos e borrões, já que a pena escorrega, a tinta mancha o pergaminho e as ondas enchem de sal o branco do texto. A tripulação, ocupada e preocupada, pouco nota o menino. O pai também parece muito atarefado fazendo contas, contando estrelas, anotando a direção. Hora de deixarmos o menino Pedro tomar conta desse livro.

— Viajar de caravela não é brincadeira. O navio balança, as ondas batem e não há jogo de voltarete que suporte tanto movimento. E a comida então? Falta de tudo, e só nos sobra bacalhau duro e seco. Cada vez que se dá uma mordida, até parece que o dente vai cair. Minha roupa já não passa de uns trapos sujos, molhados, encardidos cheirando a maresia. A travessia é longa, deve tomar dois meses; isso se não toparmos com um temporal.

Já sei que o Cabo das Tormentas, lá no fundilho daquele continente chamado África, virou Cabo da Boa Esperança. Mas quem disse que não vou encontrar monstros marinhos, cachoeiras que terminam em precipícios... Com sorte dou de

*cara com uma sereia,
mas nesse caso é melhor
tapar os ouvidos para
ela não me encantar.*

*O pior é tomar o
rumo de um lugar desconhecido,
dizem que perdido no meio do Atlântico.*

*Afinal já estou em pleno 1561 e o lugar nem ao menos
tem nome certo! Para alguns é Terra de Santa Cruz por
causa da missa que fizeram e do crucifixo colocado naquela
região. Para outros é Brasil, por conta da tinta vermelha
que sai de uma árvore bem comum naquele litoral e que
lembra brasa. Mas o pior é que alguns acham que essa é
uma homenagem ao demo que vive nas trevas. Isso mesmo:
o capeta, o tihoso. Enfim, santo ou demônio, vou para essa
terra sem nome para que meu pai, um fidalgo português
(mas também um comerciante tentando melhor sorte),
encontre a fortuna na colônia americana, plantando
cana-de-açúcar. Dizem que ela dá sacarose. Nome difícil
mas doce, muito doce. E da sacarose se faz açúcar, mas
também aguardente. Aguardente não vou poder tomar,
pois ela me deixaria bêbado em um minuto, mas posso
me esbaldar de bolos, quitutes e manjares!*

*Eu mesmo conheço pouco de doce, mas gosto muito da
sensação, que faz até o olho lacrimejar. Nada de mel ou
fruta: a moda agora é o açúcar da cana. E quanto mais
branco o açúcar, dizem que é mais puro e ainda melhor.*

Mas, falando em branco, o que mais falta naquele lugar





são brancos. Ao contrário, a terra é povoada por indígenas — ameríndios, para usar o nome correto —, e dizem que eles chegaram antes de nós, portugueses. Ouvi dizer também que há um grupo bravo e guerreiro chamado de Tupinambá. Pelo que meu pai contou, eles são muito hábeis, andam em canoas por todos os lados, formam redes de aliança (e ele me explicou que não são redes de pescar, mas redes de amizade), tem seus chefes, seus feiticeiros e... seus costumes. Ouvi alguns segredarem que eles são canibais: homens que comem uns aos outros. Muita história e muita lenda existem sobre essa gente estranha. Já eu, estou louco para olhar tudo de perto.

Hora de ir para a minha cabine. Cabine é bondade minha, aquilo parece uma espelunca.